



*José Cardoso Pires*

## UM MESTRE AO DEUS-DARÁ

**P**ara mim, Stuart de Carvalhais começou no “Tic-Tac”, que era um jornal infantil que me libertava da professora Dona Leonor da escola primária e prolongou-se pelas conversas com Aquilino Ribeiro à porta da Bertrand. Descobri então que Stuart desenhava iluminado a bagaceira e a vinho tinto e que, à falta de pincel e tinta, afiava paus de fósforos mergulhados em borras de café.

A gente do Chiado imaginava-o a horas

**Havia uma ternura irónica em Aquilino quando contava aquele mestre ao deus-dará. Tornava-o inesperado, ave ao acaso, alguém de figura imprevisível. Até que um dia me levou a conhecê-lo no seu “atelier” de Queluz. Sala pobre, já se vê: um estirador junto à janela, papéis e jornais por toda a parte, um candeeiro de lantejoulas e, no meio de tudo aquilo, o Stuart em pessoa, de melena branca caída para a testa.**

perdidas na Pastelaria Camões ou nos recantos do Bairro Alto a desunhar-se em ilustrações para o “Diário de Lisboa” ou para o “Sempre Fixe”, mas poucos eram aqueles que lhe sabiam um pouso certo porque a sua boémia não tinha geografia. Poucos também, muito poucos, eram os que conheceram naquele homem de apontamentos geniais o pintor que decorou A Brasileira do Chiado, lado a lado com Eduardo Viana, Jorge Barradas e

João Soares ou o ilustrador de Régio e de Aquilino Ribeiro. “Stuart”, escreveu José-Augusto França, “era moderno por amor imediato às coisas da vida e desprezo das regras, por uma espécie de realismo à Cesário Verde”. Foi isso, esse imediatismo e esse desprezo que o tornou pessoalíssimo e lhe deu carisma e lenda na paisagem lisboeta.

Aquilino falava-me muito dele, e era um desfiar de aventuras que metiam o álcool, a imaginação, o improviso e as mulheres pelo meio. Mulheres, principalmente: não é por acaso que alguém desenhava como ele a beleza das varinas de Lisboa. Depois Paris. Um Paris que Stuart viveu em mansardas bolorentas e em comidas de acaso ou à má-fila. O que vale é que nestes azares há sempre uma amorosa de emergência para aquecer a alma do artista desgarrado, como uma tal Louissette que era cá uma destas francesinhas cheias de traquinice que ele descobriu num café de bairro.

Parece que Louissette, além do nome, tinha a desenvoltura dum canção popular e deduzia os talentos do artista através dos segredos de cama. De modo que um dia, sem mais aquelas, conseguiu fazer chegar duas aguarelas do amante ao patrão do jornal, Ruy Blas, um dos trunfos da imprensa da época. E foi uma revelação. As ilustrações foram publicadas e, como nos folhetins românticos, a desventura passou à glória para remissão dos incompreendidos e contentamento dos bons espíritos. Stuart começou a aparecer no “Excelsior”, no “Cri de Paris” e noutras publicações de grande público.

Mas um pássaro de cidade, por mais boémio que seja, acaba por voltar ao ninho, como dizia Aquilino. E não tardou muito, Stuart de Carvalhais regressou aos jornais do Bairro Al-

to e às varinas de perna bem feita, que era para onde lhe pendia o traço.

Havia uma ternura irónica no romancista de “O Malhadinhas” quando contava aquele mestre ao deus-dará. Tornava-o inesperado, ave ao acaso, alguém de figura imprevisível.

Até que um dia me levou a conhecê-lo no seu “atelier” de Queluz. Sala pobre, já se vê: um estirador junto à janela, papéis e jornais por toda a parte, um candeeiro de lantejoulas e, no meio de tudo aquilo, o Stuart em pessoa, de melena branca caída para a testa.

Para início de conversa, duas cervejas (Aquilino não bebia) e depois vieram os desenhos, as memórias, os improvisos e o mais que faz a amizade.

De toda aquela tarde o que me ficou para sempre foi o romance de Stuart com uma freira que Aquilino lembrou a certa altura e que contou à sua maneira, perante o silêncio do próprio. Era uma história sacrílega de amores entre searas, com um sino a badalar no convento de Benfica e revoadas de pardais a festejar a glória do pecado.

Stuart nem uma palavra. Cigarro pendurado, boca a meio sorriso, lançava pinceladas num papel enquanto ouvia a aventura que ele próprio vivera há tantos anos mas agora acrescentada com apartes picarescos que só um diabo como Aquilino era capaz de inventar. Ouvia e dobrava-se sobre o papel como se nada daquilo tivesse a ver com ele.

Por fim pegou no desenho e entregou-o ao amigo: “Aqui tens”.

Em meia dúzia de manchas vimos então uma seara de trigo donde se levantava um galo feliz conduzindo uma pomba para o infinito. Mas era um galo velho, com uma melena branca em vez de crista a pender-lhe sobre o olhar. ●